

R E V I S T A

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. III | N° 38 - JANEIRO 2024



EURASIANISMO

O Rei de Paus

EDITORIAL

A Revista Conhecimento & Cidadania foi criada por uma família e amigos com o propósito de levar compreensão dos acontecimentos atuais e históricos ao maior número de pessoas possíveis. E exatamente por isso ela é totalmente gratuita e digital.

Leandro Costa - Editor-Chefe
Munique Costa - Editora Adjunta
Pedro Costa - Editor Auxiliar

Produção e Designer

Edson Araujo
Leandro Costa
Munique Costa

Redação

Edson Araujo
Leandro Costa
Munique Costa
Pedro Costa

Colunistas

Agripino Alexandre dos Santos Filho
Danielle Jesus
Edson Araujo
Erika Figueiredo
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Mauricio Motta

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

 Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania

 revistaconhecimentocidadania@gmail.com

 @revistaconhecimentocidadania

 @revistaconhecimentocidadania

 @RevConhecimento



Leandro Costa

EDITOR-CHEFE

Servidor público,
advogado impedido,
professor de Direito,
autor do livro: Direito nas
Escolas e Diretor na
ABRAJUC.

Revista Conhecimento &
Cidadania

Vol. III – Nº 38

Dezembro de 2023

Rio de Janeiro – RJ

Menezes Costa

CNPJ 28.814.886/0001-26

ISSN 2764-3867

COLUNISTAS

LEANDRO COSTA

Servidor público, advogado impedido, professor de Direito, Diretor Acadêmico do projeto Direito nas Escolas e editor-chefe da Revista Conhecimento & Cidadania..

DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spofy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

ERIKA FIGUEIREDO

Promotora de Justiça. Escritora, Professora/Palestrante. Colunas Tribuna Diária/Conservador Parahyba.

EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

AGRIPINO SANTOS

Doutor em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFS) e Procurador do Estado de Sergipe

JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

Eurasianismo, o Rei de Paus



Dando continuidade ao artigo sobre o Califado, passamos a análise da segunda elite global que nos fora exposta pelo saudoso Olavo de Carvalho, figura que, destoando da regra no Brasil, buscou compreender tais espectros de forma profunda, não somente observando o centro nervoso de cada uma delas, mas também, sua capilaridade, percebendo que tais forças por vezes se unem em um esforço para atacar um inimigo comum ou impor uma narrativa proveitosa à ambas, bem como, podem se digladiar, quando percebem que é o momento de curvar o outro aos seus anseios, ou mesmo, sentem-se ameaçadas pelos avanços de outra elite em sua área de domínio.

A relação com os naipes do baralho, exposta na edição anterior, é meramente ilustrativa, entretanto, não se trata de obra do mero acaso, pois, como apresentado, entende-se que a correlação simbólica entre os naipes e classes sociais da Idade Média ou com as estações do ano.

Em se tratando das classes da Idade Média, o naipe de ouros, aqui apresentado como o Califado, se traduz na nobreza, portanto, a elite associada à forma que os monarcas do Islã ostentam suas riquezas, bem como, a natureza do califa, líder político e religioso que comandaria o mundo islâmico como um nobre senhor escolhido por Alá.

No caso do naipe de paus, que simbolizaria a classe dos populares, a sua associação ao eurasianismo decorre justamente da identidade que tal ideologia tem com o povo da região, sendo assim,

Leandro Costa

a elite eurásiana busca assimilar o apoio popular com elementos de nacionalismo, coletivismo e esoterismo, mas como veremos, dentre as explicações de Olavo de Carvalho, a coisa não é tão superficial como parece.

O Eurasianismo, fora sociopolítica que não pode ser analisada ignorando seu maior pensador contemporâneo, o Professor Alexander Dugin, considerado o mestre intelectual por trás do movimento eurásiano atual. Dugin, professor da Universidade Estatal de Moscou é considerado por muitos como o guru do Kremlin, alguns, por outro lado, duvidam da influência do filósofo sobre o autocrata russo Vladimir Putin, entretanto, não há como negar que o discurso que emana de Moscou está fortemente sustentado pelas ideias de Dugin.

Descortinado de forma perspicaz o movimento eurásiano, Olavo de Carvalho, aponta sua motivação, forma de aliciamento e metodologia de avanço, indicando que o Eurasianismo se reveste de aspecto do socialismo, do nacionalismo, do fascismo, do esoterismo e por último de valores morais que se diz religioso, por isso Olavo utiliza o termo “*soi-distant*”, que se apresenta como algo que não é. Essas facetas do movimento eurásiano servem para seduzir os incautos, alistando-os nas fileiras da revolução, que alguns ousam chamar de revolução conservadora, mais uma fraude conceitual.

Como explica o pensador brasileiro, os movimentos revolucionários prometem a solução de todos os males através da destruição de um sistema e sua recriação nos moldes daquilo que líderes revolucionários imaginam como algo perfeito, todavia, não se pode ignorar a tirania que corre no sangue dos déspotas que assumem o controle de tais movimentos e sua essencial dissociação da realidade. Parafraseando um médico militar de grande sabedoria, podemos afirmar que, psicopatas tendem a ocupar posições de liderança em uma sociedade caótica, uma vez que, não possuem limites para sua ambição.

[Olavo de Carvalho](#) descreve a armadilha de forma bem clara, apontando como diversos grupos podem ser chamados à defesa do eurásianismo, ou pior, à adesão a tal movimento, uma vez que se sintam tocados pelas narrativas propagadas por tal elite.

“Os saudosistas do stalinismo veem nela a promessa do renascimento da URSS. Conservadores aplaudem o seu moralismo repressivo soi disant religioso. Velhos admiradores de Mussolini e do Führer apreciam a sua concepção francamente antidemocrática do Estado, bem como seu desprezo racista pelos povos destinados à sujeição imperial.

Esoteristas, seguidores de René Guénon e Julius Evola, julgam que ela é a encarnação viva de uma “metapolítica” superior, incompreensível ao vulgo, mais ou menos como aquela que é descrita pelo romancista (e esoterista ele próprio) Raymond Abellio, em La Fosse de Babel. Muçulmanos acabam às vezes aderindo ao projeto por conta do seu indisfarçado e odiento anti-ocidentalismo, na vaga esperança

Leandro Costa

de utilizá-lo mais tarde como trampolim para a criação do Califado Universal, que por sua vez os “eurasianos” acreditam poder usar para seus próprios fins”.

O risco de pessoas das mais diversas vertentes aderirem ao Eurasianismo, ou guardarem simpatia por tal movimento, é demasiado, não por acaso, observamos uma constante defesa do maior líder político eurasiático, o autocrata russo Vladimir Putin, em diversos espectros políticos, inclusive no ocidente, civilização que é objeto de desprezo e ódio da mentalidade eurasiática. Deve-se considerar que na linha de pensamento dos eurasianos, a civilização ocidental deve se submeter aos senhores do mundo, aquilo que os eurasianos chamam de “Santa Mãe Rússia”.

No caso dos muçulmanos é preciso abrir um parêntese para constatar que a aproximação entre aqueles que anseiam a criação de um Califado e o Eurasianismo é uma via de mão dupla, posto que, nutrindo em comum, o ódio pelo ocidente, tais forças somam-se com o único fim de subjugar a civilização ocidental, sendo que, ambas as elites acreditam que podem usar a outra para seus fins, podendo controlar seu “cúmplice” ou mesmo destruí-lo quando se tornar imprestável à sua escalada pela dominação global, isso é uma característica de todas as elites globais de poder, por isso a expressão, “acreditam poder usar para seus próprios fins”, o que, entre o Califado e o Eurasianismo, bem como as demais elites, é algo recíproco.

É preciso, portanto, explicar a superficialidade do Eurasianismo, apresenta uma boa definição, tratando como neo-eurasianismo, o que temos posteriormente, [Valter Cláudio](#).

“O neo-eurasianismo põe-se como uma alternativa à filosofia ocidental e à economia, será uma mistura entre geopolítica e espiritualidade tradicional, tendo em Alexander Dugin um dos principais teóricos. Ao longo da história tem existido uma competição constante entre as duas grandes esferas, a terrestre e a marítima. Na História antiga, as potências que se tornaram em símbolos da “civilização marítima” foram a Fenícia e Cartago. O império terrestre que se lhes opunha era Roma. Os EUA são uma potência marítima assim como a Grã-Bretanha. Tal como a Fenícia, a Grã-Bretanha utilizou o comércio marítimo e a colonização das regiões costeiras como o seu instrumento básico de domínio. Criaram um padrão de civilização, mercantil e capitalista, baseada nos princípios do liberalismo económico, pode assim dizer-se que a generalidade das civilizações marítimas tem estado sempre ligada à primazia da economia sobre a política. Já Roma dava prioridade ao controlo civil e administrativo, dando a primazia à política em detrimento da economia. É um exemplo de potência continental, com a assimilação dos povos conquistados, que foram romanizados após a conquista. Para os Eurasianistas, os seus sucessores são os Impérios Russo, Austro-Húngaro e Alemão”.

Leandro Costa

De forma gentil o autor aponta que há uma “competição constante” entre os eurásianos e aqueles que definem como “império terrestre”, que são liderados pela Rússia e a “civilização marítima”, chamados por outros autores como “atlântis”, referindo-se aos povos das Américas, África e Oceania, bem como o oeste europeu. Em verdade, o pensamento eurásiano impõe a destruição ou submissão do ocidente como um todo, uma vez que a civilização marítima, como exposto, prioriza o mercantilismo, sendo de menor valor moral que a terrestre, que tem a política como principal objetivo.

Não se trata de uma mera competição, como rivalidades entre cidades que disputam o título de mais bela, mas de uma busca constante pela supremacia do oriente sobre seus históricos rivais, [como já tratamos](#). Uma busca pelo poder que, na melhor das hipóteses adormece e volta a tentara mente dos povos eurásianos sempre que consideram a possibilidade de tomar a Europa e o Novo Mundo. Tanto os saudosistas da abjeta União Soviética quanto os que soam com a criação do Califado, são movidos pelo nostálgico sonho de conquistar o ocidente, o que nos leva a pensar se as Américas não seriam sua realização final.

A gigante e não menos despótica China também figura nos planos dos eurásianos, buscando atrair o já pútrido partido que governa aquela país através do mesmo discurso de destruição do ocidente, atribuindo à “civilização marítima” uma postura imperialista que não se compara a dois russos e chineses no cenário geopolítica. O dragão vermelho tem seus próprios planos de poder, mas não pode descartar o forte alcance de um discurso ideológico como o apresentado pelos eurásianos, pelo fato da ideologia que sustenta o Partido no poder ter se esvasiado com o passar dos anos e sua economia sustentar-se na mão de obra escravizada do povo, no furto de tecnologia, na desinformação quanto a saúde financeira e, principalmente, no chamado capitalismo de Estado, em que marionetes assumem grandes empresas que aparentam não ser controladas pelo governo para se enraizarem na cadeia produtiva global, o que resulta em um perigo para o discurso do Estado chinês, a existência dos bilionários, sempre parceiros do governo, que acabam seduzidos por suas “próprias” riquezas. Nos mesmos moldes da praxe russa, como aponta [Olavo de Carvalho](#).

“Pior ainda, é a KGB com poder brutalmente ampliado: de um lado, se no regime comunista havia um agente da polícia secreta para cada 400 cidadãos, hoje há um para cada 200, caracterizando a Rússia, inconfundivelmente, como Estado policial; de outro, o rateio das propriedades estatais entre agentes e colaboradores da polícia política, que se transformaram da noite para o dia em “oligarcas” sem perder seus vínculos de submissão à KGB, concede a esta entidade o privilégio de atuar no Ocidente, sob camadas e camadas de disfarces, com uma liberdade de movimentos que seria impensável no tempo de Stalin ou de Krushev.”

Leandro Costa

Aproximar-se do centro eurasiático, pode dar aos senhores da China o verniz de um discurso atualizado e moralmente forte, além de uma base cultural para o enfrentamento face ao ocidente. Como bônus, a ditadura chinesa fortalece laços diplomáticos com o Califado, uma vez que, Irã e Síria são aliados quase indissociáveis de Moscou.

É de conhecimento geral que a ditadura chinesa emprega imenso esforço na construção daquilo que ela chama de “Nova Rota da Seda”, cujo nome oficial é “One Belt One Route” (em tradução livre, Um Cinturão Uma Rota, ou, Um Cinturão Uma Rota), que liga justamente a Ásia à Europa e parte da África, firmando a influência chinesa naquilo que seria o maior bloco continental do mundo, em síntese, uma rota eurasiática incluindo o norte do continente africano, atualmente controlado por países muçulmanos.

Os tentáculos da besta eurasiática, assumindo que a China seja, de fato, assimilada pelo movimento, espalhar-se-ia por toda a região que realmente interessa aos senhores daquilo que se tornaria o Império Eurasiático desejado pelos seguidores de Dugin, criando um cinturão de grande relevância logística econômica e com potencial militar.



O próximo passo poderá ser a “desdolarização” do mundo, que pode parecer algo bom, de fato é, exceto de for gestado no útero do eurasiatismo, hipótese em que trocar-se-á uma moeda que permite a uma democracia desequilibrar a balança em seu favor para substituí-la por um sistema cuja as rédeas

Leandro Costa

estejam nas mão de tiranos com poderes absolutos. Como exposto por [Olavo de Carvalho](#), mais uma promessa de salvação pela destruição que resultará em desgraça.

“A Revolução Francesa prometeu salvar a França pela destruição do Antigo Regime: trouxe-a de queda em queda até à condição de potência de segunda classe. A Revolução Mexicana prometeu salvar o México pela destruição da Igreja Católica: transformou-o num fornecedor de drogas para o mundo e de miseráveis para a assistência social americana. A Revolução Russa prometeu salvar a Rússia pela destruição do capitalismo: transformou-a num cemitério. A Revolução Chinesa prometeu salvar a China pela destruição da cultura burguesa: transformou-a num matadouro. A Revolução Cubana prometeu salvar Cuba pela destruição dos usurpadores imperialistas: transformou-a numa prisão de mendigos.”

A revolução é alimentada por [falsas promessas](#), isso é inegável, logo, o Eurasianismo não passa de mais uma mentira que poderá resultar em uma terceira guerra, uma vez que, deseja sobrepujar o ocidente não importa o meio. Exportando a degradação moral e discursando contra a decadência da sociedade que sucumbira ao encantos da luxúria, bem como, demonizando o lucro e o imperialismo ao passo que o praticam em favor de seus líderes políticos. Bilionários chineses e oligarcas russos nada mais são que membros de seus respectivos sectos ávidos pelo poder, fazendo de suas riquezas instrumentos para a ascensão.

Evidente que a busca pelo poder é a força motriz do Califado e do Eurasianismo, que a economia, assim como a cultura, são armas para atingir os objetivos de tais grupos, tal como a força bélica, que é acionada quando as demais não forem o suficiente. As relações de poder dar-se-ão pela assimilação das ideias, ainda que de forma dissimulada, [confundindo o real significado](#) ou pela [desinformação](#), por isso, o Eurasianismo torna-se uma ideologia eficiente, haja vista que, como já mencionado, consegue alcançar indivíduos de diversos espectros políticos. Aos que não se curvam ao discurso, será empregada a pressão econômica, dilapidando o patrimônio, ou mesmo, levando o contrarrevolucionário [à miséria, para que não tenha forças de reação](#).

Finalmente, ao grupo que se resiste ainda que diante de condições de privações extremas, ser-lhe-á imputado todo o tipo de [crime, ainda que não existentes](#), para que o expurgo seja completo e os demais entendam que não há como se rebelar contra o poder de seus mestres.

O Eurasianismo não nascera após a queda da famigerada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em verdade é anterior à criação da odiosa confederação, razão pela qual, alguns tratam a ideologia de Dugin como neo-eurasianismo, como sendo a proposta que nova, entretanto, a visão de filósofo e professor da Universidade de Moscou não deixa de ser uma atualização do Eurasianismo do início do século passado, grupo que ombreou com os bolcheviques em sua doentia escalada ao poder. O

Leandro Costa

próprio Alexander Dugin já integrou o Partido Nacionalista Bolchevique, cuja criação é apontada como um desdobramento de seu homônimo alemão, agremiação que existira na extinta República de Weimar, sendo dissolvido quando seu irmão chegou ao poder.

Por fim, Olavo de Carvalho salienta que a aparente distância entre o Eurasianismo e o regime que outrora se alimentou do sangue na, nada saudosa, União Soviética, não é nada além de uma visão quimérica que esconde a incansável sede de poder dos líderes revolucionários, criaturas que prometem a falsa salvação e escalam suas imaginárias Torres de Babel, acreditando que serão deuses em vida, subjugando a realidade ao seu bel prazer.

“Ideologicamente, o eurasismo é diferente do comunismo. Mas ideologia, como definia o próprio Karl Marx, é apenas um “vestido de idéias” a encobrir um esquema de poder. O esquema de poder na Rússia trocou de vestido, mas continua o mesmo – com as mesmas pessoas nos mesmos lugares, exercendo as mesmas funções, com as mesmas ambições totalitárias de sempre”.

Não devemos cair nas armadilhas do Rei de Paus, pois ele odeia a nós e aos nossos filhos com as mesmas forças que tentou destruir nossos antepassados. O ocidente é seu maior alvo e desejo.

[Inscreva-se em nosso canal](#)



Danielly Jesus

Tabloid Junkie – Mentiras no Jornal: A atuação da imprensa militante não é de hoje



Nasci em 1989; então minhas referências culturais são consideradas “*cringe*” pelos jovens de hoje.

Meu cantor preferido era um showman, alguém que brilhava no palco, que tinha uma voz, ao mesmo tempo, doce e potente, que compôs as melhores canções: estou falando de *Michael Jackson*.

Michael teve uma infância difícil: agredido pelo pai e pelos irmãos, era pressionado a ser o melhor. Na adolescência, teve como primeira namorada *Tatum O’Neal*, filha do brilhante ator *Ryan O’Neal*. Segundo relato do próprio Michael, ela o jogou na cama e teve relações com ele, contra a sua vontade. Também namorou a atriz *Brooke Shields*, e em 1995, se casou com a filha de *Elvis Presley*, *Lisa-Marie*.

Porém, nos anos 80, Michael começou a passar por mudanças corporais. Primeiro, operou o nariz; a alegação era o fato de sofrer ofensas racistas, e sentir-se incomodado com isso. Mas, ao compararmos as capas de 1982 (lançamento do álbum “*Thriller*”) e 1987 (lançamento do álbum “*Bad*”), é impossível não notar que tanto a pele como o cabelo de Michael mudaram. A alegação: vitiligo.

Contudo, essa mudança foi um prato cheio para a imprensa da época, que começou a publicar uma série de aberrações: ele teria usado uma câmara de oxigênio para dormir, teria comprado em leilão as ossadas do “*homem-elefante*”, fazia “*dieta do espaço*”, teria um caso com a atriz *Elizabeth Taylor* (que

Danielly Jesus

era 26 anos mais velha que ele), e até uma teoria bizarra de que ele e a cantora Diana Ross eram a mesma pessoa!

Michael resolveu externar sua revolta pela primeira vez na canção *“Leave me alone”*, de 1987. Na letra, ele dizia que tinha sido machucado e enganado:

“Houve um tempo em que eu costumava dizer

Garota eu preciso de você

Mas quem está arrependido agora?

Você realmente me machucou

Você costumava me enganar

Agora quem está arrependido?

Você tem um jeito de fazer

Eu me sentir tão mal

Eu logo descobri”

Porém, no início dos anos 1990, as supostas excentricidades deram lugar a algo sério: acusações de pedofilia. A primeira ocorreu em 1993, por Jordan Chandler. Alguns membros da equipe de Michael Jackson relataram comportamento inadequado por parte do cantor, mas a polícia descartou seus relatos como não confiáveis, pois eles haviam vendido suas histórias para tabloides ou tinham ressentimentos contra ele. A equipe jurídica de Michael afirmou que Evan Chandler (pai de Jordan) estava tentando extorquir Michael, citando uma gravação telefônica na qual ele dizia que iria *“humilhar”* Michael e *“ganhar muito”*.

Contudo, o estrago na carreira de Michael estava feito; nunca mais ele conseguiu se desvencilhar da pecha de *“pedófilo”*, por mais que tentasse provar o contrário. E o pior aconteceu em 2005, com o caso *The People of the State of California v. Michael Joe Jackson*, em que Michael estava sendo acusado de molestar *Gavin Arvizo*, à época do suposto fato, com 13 anos de idade.

Gavin e seu irmão testemunharam que Michael lhes deu álcool, mostrou pornografia, masturbou-se diante deles e fez investidas sexuais. A defesa de Michael caracterizou as testemunhas da acusação como ex-funcionários descontentes ou indivíduos que procuram explorar Michael por dinheiro. Testemunhas da defesa incluíram depoimentos de celebridades, incluindo o ex-ator mirim *Macaulay Culkin* e o comediante *Chris Tucker*. A cobertura do julgamento foi descrita como um circo midiático, e alguns meios de comunicação foram rápidos em retratar Michael Jackson como culpado antes mesmo do veredito final.

Acompanhei o julgamento; lembro-me de ter uma agenda onde anotava o que tinha ocorrido no tribunal a cada dia do processo. Era nítido o desespero da imprensa em ver Michael atrás das grades.

Danielly Jesus

Deixo claro ao leitor que não creio em uma só acusação sofrida por Michael; porém, não julgo aquele que pensar o oposto de mim. Contudo, o fato é que a imprensa fez de tudo para que ele fosse preso; e como isso não aconteceu, trataram de enterrar sua carreira de uma vez.

Hoje em dia falamos muito da chamada “*imprensa militante*”, mas sua atuação é deveras antiga, e teve Michael como uma de suas vítimas. Uma coisa é dizer que um artista comprou coisas inusitadas em leilão; outra coisa é uma acusação grave que envolve crianças. Contra isso é difícil lutar.

Em 1995, Michael gravou “*Tabloid Junkie*” (Mentiras No Jornal). A letra, diferente de “*Leave me alone*”, que era uma indireta, escancarou o trabalho podre da imprensa.

“Só porque você leu em uma revista

Ou porque viu na TV

Não faz isso ser verdade

Embora todos queiram saber sobre isso

Só porque você leu em uma revista

Ou porque viu na TV

Não faz isso ser verdade, realidade (...)

São calúnias Todas as palavras que você usou

Você é uma parasita em preto e branco

Que faz qualquer coisa por notícia

Mas se você não for comprá-lo

Então eles não serão vitoriosos

Ler é santificá-los

Então porque nós agíamos feitos idiotas?”

Agripino Alexandre dos Santos Filho

O projeto transumanista e a necessária redução populacional



O conceito de Transumanismo não é unívoco, ainda objeto de disputa em relação aos seus limites e conteúdo, sendo utilizado em contextos tão díspares, que permitem afirmações até mesmo contraditórias, mas que partem de uma premissa: os seres humanos podem e devem utilizar a tecnologia disponível para melhorar a condição humana natural. Em geral, sem a pretensão de esgotar todas as possibilidades teóricas, é possível compreender o Transumanismo como uma corrente de pensamento que defende o dever moral do progresso para estágios posteriores da Humanidade, utilizando a tecnologia para ampliar os sentidos e melhorar o corpo biológico.

Há um desconforto ao tratar do tema. As implicações morais, filosóficas e religiosas não são irrelevantes. Temos esse direito? Quais as consequências de tamanha intervenção na condição humana? Como ficarão os arranjos sociais e políticos com o advento do transumano? Não são questões de menor importância. Todavia, estas implicações não vão conseguir impedir o avanço da tecnologia rumo ao corpo humano. Observe que o primeiro campo de aplicação dessas novas tecnologias é a saúde humana. Como impedir uma pesquisa que tenha potencial para erradicar doenças como câncer e Alzheimer? Depois de implementadas, como impedir que essa tecnologia seja utilizada para melhorar o corpo de pessoas saudáveis, ampliando sua resistência a outras doenças ou melhorando sua memória? A partir desse ponto, o potencial de uso militar e ilícito é extraordinário demais para não ser utilizado.

Agripino Alexandre dos Santos Filho

Esclareça-se que não há nada de novo debaixo do sol. O ser humano sempre tentou melhorar seu corpo biológico, com a alimentação e com os exercícios físicos e mentais. A correção de problemas físicos com uso de tecnologia também não é novidade. Uso de próteses, óculos e outros artefatos para corrigir problemas físicos não são inventos recentes. Também não é novidade a utilização de drogas em tratamentos para melhorar o desempenho da memória e da concentração. Enfim, a humanidade sempre utilizou técnicas, remédios e artefatos para o melhoramento do corpo humano, aperfeiçoamento de suas funções e correção de problemas. Não há novidade nisso. Em certa medida, já somos todos transumanos. A tecnologia é uma extensão no nosso corpo, do nosso viver, do modo como percebemos a realidade. Esse texto chega ao leitor através da tela de um aparelho, conectado à Internet. Uma criança nascida na alta Modernidade já amalhou mais conhecimento que um ancião da Idade Média. Os *gadgets* se tornaram extensões do corpo humano. Em breve, integrarão o corpo humano. Talvez um dia sejam o corpo humano.

O diferencial significativo no Transumanismo são as ferramentas de melhoramento humano. As novas tecnologias permitem o desenvolvimento das potencialidades do corpo humano em um nível interventivo jamais imaginado pelos primeiros Modernos. Não se trata mais de curar doenças, mas prevenir sua existência antes do nascimento do paciente, mediante um mapeamento genético dos pais. Não se trata mais de uma prótese, mas de um outro órgão fabricado a partir do material genético do próprio paciente. As novas tecnologias de *biohacking* permitem assumir a governança da própria estrutura biológica do corpo humano, modificando-o para desenvolver os sentidos físicos, a capacidade mental, inclusive erradicando doenças e ampliando tanto a possibilidade de implantes, inclusive de órgãos humanos geneticamente produzidos, que se teoriza a possibilidade do ser humano chegar ao ponto de flertar com a imortalidade. Outro aspecto que diferencia o Transumanismo é a ideia da promoção de uma nova Humanidade, melhorada biotecnologicamente, alicerçada em uma nova Civilização. Uma evolução que não dependa do acaso das mutações genéticas, mas que seja operada conscientemente pelo próprio ser humano. Em última análise, não se trata apenas da intenção de matar Deus, mas sobretudo de tomar o seu lugar para corrigir os erros do projeto divino, fazendo um novo ser humano à própria imagem.

Contudo, a transição para uma Civilização transumana não é uma empreitada fácil, sendo mais provável que nunca aconteça. Além das dificuldades tecnocientíficas, os revolucionários planejadores transumanistas ainda teriam um desafio de grandeza inimaginável: o paradoxo demográfico.

O Transumanismo propõe a reengenharia do próprio corpo humano, tornando-o melhor, mais funcional e mais resistente, com a possibilidade de reparar ou repor órgãos indefinidamente, estendendo a vida ao ponto de flertar com a imortalidade. No entanto, já somos mais de sete bilhões de seres humanos e se todos se tornarem imortais ou quase imortais, como vamos continuar provendo todas as nossas

Agripino Alexandre dos Santos Filho

necessidades, considerando a limitação dos recursos naturais? Outras gerações virão, aumentando a pressão demográfica sobre as fontes de recursos naturais não renováveis. O paradoxo demográfico pode ser enunciado do seguinte modo: *o mundo transumano pretende ser o berço de um novo ser humano melhorado, mas se todos os seres humanos forem melhorados não haverá mundo suficiente para o transumano*. A única conclusão lógica aceitável, em face desse paradoxo, é que a passagem do transumanismo utópico para o transumanismo científico demanda não apenas um controle de natalidade rigoroso, mas sobretudo um programa eficiente de redução populacional global.

Entretanto, uma redução populacional em escala global é um problema grave não apenas de meios, mas sobretudo de logística, demandando um esforço coordenado em escala global jamais visto em nenhum momento histórico anterior. Seria preciso um grupo coeso, com recursos financeiros ilimitados, que detivesse o controle dos principais veículos da mídia mundial, bem como influência política nos países que integram o G7, além de ter poder de decisão nos órgãos internacionais multilaterais, sobretudo na ONU e na União Europeia. Esse grupo hipotético teria que ser capaz de promover um recomeço na História, uma espécie de *great reset*.

Além da dificuldade em estabelecer uma espécie de Fórum Mundial decisório, por mais força econômica e política que tivesse, este grupo seletivo não poderia utilizar pura e simplesmente da violência para reduzir a população global, em face da quantidade muito superior de indivíduos a serem eliminados e de sua provável resistência. É preciso utilizar o método cartesiano, dividindo o problema maior em partes menores, para resolvê-las gradativamente.

Desse modo, um programa de redução populacional deve ser dividido em etapas, a partir de uma mudança dos padrões culturais que incentivam a procriação. O primeiro passo é destruir o modelo de família monogâmica, invertendo seus pilares lógicos. Sem isso, a natalidade não será reduzida. É preciso utilizar todos os meios de propaganda e marketing, o cinema, a música e as artes em geral, para moldar novos arranjos familiares, que desencorajem a reprodução humana. Relações entre pessoas do mesmo sexo, casais que substituem filhos pelo cuidado com animais, ficar solteiro, estigmatizar a mulher que não trabalha, o culto ao corpo e aos músculos, o individualismo, hedonismo, todos esses padrões de comportamento devem ser normalizados, incentivados até se tornarem regra. Gerar mais de um filho deve ser visto como uma aberração, algo inusitado, até mesmo absurdo. Aliás, a própria instituição do casamento deve ser vista como algo obsoleto, desnecessário. O divórcio deve ser banalizado, facilitado ao extremo. O resultado pretendido é o controle da natalidade. Qualquer narrativa, por mais absurda, é válida para promover o controle da natalidade, como dizer que é egoísmo procriar porque a água do planeta está acabando. Observe que a destruição da instituição familiar jamais será possível sem um ataque sistemáticos aos fundamentos da tradição judaico-cristã. O judaísmo e o cristianismo devem ser

Agripino Alexandre dos Santos Filho

apresentados sempre como ideias retrógradas, ultrapassadas, preconceituosas, misóginas, até mesmo ridículas. O padrão da família judaico-cristã deve ser simplesmente eliminado, porque é tendente à procriação.

Ainda assim, sempre haverá aqueles que insistirão em se relacionar com pessoas do sexo oposto e procriar. Por isso, os instrumentos econômicos devem ser utilizados para reforçar os novos padrões culturais necessários ao controle da natalidade, de modo a tornar a criação de filhos algo absurdamente dispendioso. Do parto à faculdade, os pais devem ser forçados a investir fortunas. Roupas, alimentos, educação, lazer, saúde, brinquedos, todos os itens devem se manter sempre em valores elevados e crescentes, aumentando a pressão sobre os que insistam em querer ter filhos. A ideia de sucesso e realização deve ser deslocada para os bens materiais que as pessoas possuem, de modo que investir na educação de filhos será compreendido como desperdício de recursos que poderiam ser melhor empregados na aquisição e ostentação de bens. O ideal de uma pessoa bem-sucedida deve corresponder a alguém rico, solteiro, musculoso, promíscuo, que ostente muitos bens e não tenha filhos. Quanto mais uma pessoa se afaste desse padrão, tanto mais será considerada uma pessoa fracassada.

Por fim, não se pode falar em controle de natalidade sem tratar da legalização e incentivo ao aborto. Investir em esterilização e meios anticoncepcionais, até mesmo na inserção nos alimentos industrializados de substâncias com potencial para causar infertilidade, são medidas necessárias, mas não são suficientes. O aborto, combinado com uma campanha de “conscientização” sobre os direitos da mulher ao seu próprio corpo, é o único meio eficaz de reduzir definitivamente a natalidade, inclusive podendo até mesmo inverter as taxas de crescimento para decrescimento populacional. O aborto é o mais eficaz instrumento de extermínio em massa inventado pela humanidade. Jamais haverá um mundo transumano sem a ampla legalização do aborto e a facilitação ao seu acesso. A prática de assassinar fetos humanos nos ventres das mães deve ser normalizada ao ponto de ser tão comum quanto o ato de cortar o cabelo ou pintar as unhas. Mais uma vez, a propaganda midiática em sentido amplo será fundamental para distrair as massas da contradição entre o incentivo ao aborto e o aumento da proteção dos embriões de outras espécies, tais como ovos de tartaruga e aves raras, filhotes de baleia e de urso panda, por exemplo.

Cumprida essa fase primeira, quando os índices de natalidade estiverem em patamares aceitáveis, será preciso administrar uma solução para o excedente de seres humanos que não poderão migrar para um mundo transumano. De logo, a ideia de simplesmente deixá-los para trás deve ser rejeitada, porque isso causaria convulsões, revoltas, com a necessidade de um uso desnecessário e dispendioso de recursos, sobretudo de tempo, com a possibilidade de que essa reação se estenda indefinidamente, uma vez que os deixados para trás seriam a ampla maioria da humanidade. Mas como eliminar pelo menos 6,5 bilhões de pessoas, de modo rápido o suficiente para evitar a organização de uma resistência?

Agripino Alexandre dos Santos Filho

Paradoxalmente, a solução para este problema pode ser encontrada precisamente nos textos bíblicos, notadamente do Livro das Revelações de João, que narrou ter visto quatro cavaleiros no horizonte: a Morte, a Fome, a Guerra e a Peste. Seguindo esse cronograma, a Morte dos *desnecessários* demanda a Fome, a Guerra e a Peste.

A Fome. O controle da produção alimentícia é fundamental em duas frentes: produzir alimentos com menos nutrientes, inclusive investindo em produtos industrializados, que permitam a inserção de substâncias que causem a infertilidade. Além disso, é preciso desencorajar a produção de alimentos naturais, combatendo sem tréguas o agronegócio, utilizando as narrativas ambientais sempre úteis para mobilizar as massas. A produção de carne em geral, leite e seus derivados e os produtos hortifrutigranjeiros devem ser apontadas como causas dos problemas ambientais mais visíveis, como o aquecimento global. A ideia é promover o aceite de alimentos industrializados produzidos artificialmente, com controle de escala e capacidade de servir como meio para administração de um programa de controle de natalidade, mediante uma esterilização indireta. Outrossim, quando os alimentos artificiais forem amplamente utilizados, quem controlar a produção desses alimentos sintéticos poderá determinar quem se alimenta ou não, apenas reduzindo o fornecimento. A Fome como arma não é necessariamente uma novidade (*vide* Holodomor), mas a escala global exige um controle de produção que só pode ser alcançado com a massificação do consumo de alimentos sintéticos.

A Guerra foi sempre um importante instrumento de redução populacional. Ainda que o objetivo primordial das Guerras seja poder e dinheiro, a redução populacional é um efeito que se segue. Uma Guerra Mundial, com uso de artefatos nucleares, seria um meio rápido de eliminar os desnecessários rapidamente, enquanto a elite transumana aguardaria a passagem do inverno nuclear em abrigos bem protegidos. O problema dessa solução é a perda de controle quanto aos efeitos em relação aos ecossistemas terrestres. O ideal seria uma Guerra circunscrita à Eurásia, mas a contenção geográfica dos efeitos do uso de armas nucleares é um problema residual importante.

A Peste. O uso de armas biológicas também está muito longe de ser algo inovador, mas o conhecimento científico atual, aliado aos meios de transporte, possibilitam a proliferação de patógenos fabricados biotecnologicamente em escala pandêmica. A dificuldade aqui é a contaminação controlada. Espalhar simplesmente um vírus no ar, por exemplo, poderia ampliar a contaminação de modo a atingir também os transumanos ou tornar o planeta inabitável ou insalubre ao extremo. Seria preciso contaminar diretamente os *desnecessários*, fazendo-os ingerir o patógeno ou serem inoculados. O problema é como fazê-lo? Como convencer 6,5 bilhões de pessoas, em países diferentes, com culturas diferentes, a aceitarem ser contaminadas? O uso da força mais uma vez é inviável, em face do número de indivíduos. Seria preciso uma motivação de tal magnitude, uma lavagem cerebral tão forte, que fosse capaz de

Agripino Alexandre dos Santos Filho

fragilizar o instinto de sobrevivência e a capacidade de discernimento da população mundial. Como se vê, uma empreitada praticamente impossível de ser realizada.

Por tudo isso, a passagem para um mundo transumano é uma possibilidade muito improvável. Possivelmente, o transumanismo se concretizará em algumas tecnologias caríssimas, restritas a poucos.

A não ser que...

REFERÊNCIAS

Os livros utilizados estão no Caderno Variedades.

[Acesse nosso blog](#)



Ficção versus realidade



Por sugestão do meu filho Lucas, assisti à série SILO, da Appletv plus. Os filhos, normalmente, são mais antenados do que nós, e as dicas que os meus filhos me dão, sobre filmes e séries, costumam ser imperdíveis. Com essa, não foi diferente.

SILO é uma narrativa pós moderna, baseada na trilogia literária de Hugh Howey. Aparentemente, passa-se em um futuro depois do Apocalipse, em que os últimos dez mil habitantes da terra precisam viver em um silo subterrâneo, pois o ambiente exterior é repleto de gases tóxicos letais.

No interior do fosso, o passado precisa ser descartado, nenhuma relíquia que traga lembranças da vida anterior pode ser guardada, não há registros históricos e os “pais fundadores” da comunidade são os únicos “deuses” a serem venerados.

Entretanto, ninguém sabe ao certo como o buraco abaixo da Terra foi fundado, quem foram os tais fundadores e de que forma a vida terrena se deteriorou. Em Silo, falar do passado é crime, punível com o banimento e a expulsão do território, para o mundo exterior. Ninguém conhece mais nada, exceto o que está no interior do fosso.

Entretanto, nem tudo é o que parece... Uma engenheira chamada Juliette (Rebecca Ferguson), percebe as discrepâncias do sistema, após o assassinato de seu namorado. Começa a investigar e descobre que a alienação que é criada, no interior do silo, para que as pessoas não ousem sequer pensar em outra vida possível, serve para encobrir uma realidade bastante diversa...

Erika Figueiredo

Juliette começa a duvidar da impossibilidade de vida na Terra, investigando o passado, para compreender o presente. Várias mortes começam a ocorrer, episódios inexplicáveis, a fim de que as revelações sejam encobertas e a narrativa seja preservada.

O Judicial, instituição que trabalha para punir e coibir, manter a ordem e a harmonia na comunidade, mostra sua outra face, sendo capaz de quaisquer atos, para que tudo permaneça como está. Juliette, que agora é a xerife, percebe as contradições do sistema e investiga cada vez mais...

Hugo Von Hoffmannsthal já dizia que não há nada que esteja na política, que já não tenha sido previsto pela literatura. Afinal, o escritor faz uma leitura da sociedade, colocando no papel as tendências que nos rondam.

Embora Silo seja uma distopia, a série reúne muitos elementos que exigem de nós uma reflexão. Será que temos acesso à verdade, ou aceitamos o que nos é dito como verdade, sobretudo pelo que nos chega pela mídia?

Até que ponto não estamos recriando, como sociedade, o mito da caverna, de Platão, no qual as sombras reproduzidas na caverna, induzem todos à imaginação sobre a realidade, que não corresponde ao que é verdadeiro?

No mito contado por Platão, há mais de dois mil anos, Homens presos a grilhões, em uma caverna, vêem reflexos do sol, nas paredes e têm receio de arriscar-se do lado de fora, por medo de serem devorados por monstros.

Acontece que um deles liberta-se e sai, e ao ver o sol e a beleza do exterior, retorna à caverna, para contar a novidade aos companheiros de escuridão. No entanto, é desacreditado e morto pelos outros, que preferem crer nas sombras e se manter acorrentados pelo medo.

O mesmo acontece em Silo. Ao terem sua verdade contestada por Juliette e pelo xerife que a antecede – e acaba banido – as autoridades do fosso revoltam-se e a estrutura começa a ruir, pois a ordem ilusória não se sustenta, exceto pela política do terror.

A série nos leva a uma profunda reflexão sobre o mundo moderno, as nossas crenças, o que nos chega aos olhos e ouvidos e naquilo em que devemos confiar. A verdade liberta, mas para isso, esta precisa ser conhecida.

“Afinal, você vai acreditar em mim, ou nos seus próprios olhos?” Groucho Marx

O mito de Palmares



O Quilombo dos Palmares surgiu como uma comunidade formada por escravizados fugitivos que rejeitaram viver sob as normas da sociedade colonial brasileira. Localizado em uma região de difícil acesso nas serras da Zona da Mata de Alagoas e Pernambuco, o quilombo desafiava as leis e a ordem estabelecidas.

Ao invés de buscar uma integração na sociedade da época, os quilombolas optaram por formar uma sociedade isolada, desafiando as autoridades legítimas. Essa escolha resultou em conflitos e disputas com as forças coloniais, que visavam manter a ordem e a segurança do território.

Os agrupamentos quilombolas em Palmares começam a ganhar destaque e despertar maior interesse das forças coloniais sob a liderança de Ganga Zumba, cujo nome significa "grande senhor" em quimbundo. Ganga Zumba desempenhou um papel crucial na fundação e consolidação do Quilombo dos Palmares. Ele liderou os quilombolas na busca por um acordo com as autoridades coloniais. Em 1678, Ganga Zumba estabeleceu a "Paz de Palmares", um acordo que buscava garantir a liberdade dos habitantes do quilombo em troca de aceitar restrições e submissão às autoridades coloniais, o que sob certo ponto de vista os igualaria aos nativos da terra.

No entanto, essa aliança revelou-se insustentável a longo prazo. A comunidade quilombola, diversa e composta por pessoas que buscavam liberdade plena, viu em Zumbi dos Palmares uma voz discordante. Zumbi, sobrinho de Ganga Zumba, acreditava na resistência intransigente contra a escravidão e na preservação da autonomia do Quilombo dos Palmares. A cisão entre Zumbi e Ganga

Maurício Motta

Zumba culminou na ascensão de Zumbi ao poder após o envenenamento de Ganga Zumba em 1694 por aqueles que não compartilhavam de sua visão de compromisso. Questão que abre lacunas importantes quanto à autoria do fato e suspeitas sobre seu beneficiário imediato. Mas, em face da precariedade das fontes primárias, apelaremos ao princípio "in dubio pro reo".

Com Zumbi como líder, o Quilombo dos Palmares tornou-se um foco reacionário e apresentou-se como opositor ao sistema colonial. Zumbi rejeitou os termos da "Paz de Palmares" e liderou os quilombolas contra as forças coloniais, tornando Palmares quase inexpugnável devido à estratégia de guerrilha e à geografia do território quilombola.

Zumbi dos Palmares é muitas vezes enaltecido como um herói e símbolo da resistência à escravidão, apesar das fontes primárias serem raras e tratarem mais das negociações e sobre os resultados práticos dos enfrentamentos. Contudo, é essencial avaliar melhor as narrativas. Zumbi liderava um grupo que rejeitava a ordem estabelecida, utilizando a violência para preservar uma liberdade subjetiva. Mas é possível afirmar que ele fosse uma liderança amplamente aceita pelos quilombolas? Definitivamente não!

Enquanto os escravizados, sob a liderança de Ganga Zumba, aparentemente buscavam o atendimento de seus interesses também pela via da negociação, o quilombo de Palmares sob Zumbi, se opunha a qualquer forma de negociação ou integração com as autoridades coloniais, evidenciando um desejo de escapar à lei e rejeitar soluções pacíficas.

A construção do mito em torno de Zumbi dos Palmares também é resultado da manipulação dos fatos históricos por interesses políticos e ideológicos. A figura de Zumbi foi romantizada, mas é importante questionar se essa visão ao menos se aproxima de algo justo e equilibrado, baseado no fato de que sem evidências qualquer relato histórico não passa de mera narrativa.

As narrativas que exaltam Zumbi e seu quilombo têm se refletido com frutos ideológicos que buscam enfatizar o conflito e a luta contra o sistema, ignorando os esforços legítimos das forças coloniais para manter a segurança do território e o desenvolvimento civilizacional no Brasil. Paralelamente, ignoram também a figura de Ganga Zumba, visto por alguns setores como um mero cooptado do sistema colonial.

Uma análise conservadora da figura de Zumbi dos Palmares permite questionar o mito ao seu redor. Enaltecê-lo como um herói da resistência pode ignorar aspectos mais complexos da história, desconsiderando a necessidade de equilíbrio entre o respeito à lei e a busca por mudanças sociais legítimas.

É fundamental analisar a história de forma crítica, mas imparcial, evitando armadilhas narrativas ideológicas e políticas. Reconhecer a importância da luta pela liberdade é necessário, mas também é importante manter o foco nos meios utilizados além de considerar os princípios que devem guiar nossa

Maurício Motta

sociedade. Como exemplo desta reflexão, podemos nos remeter às lutas empreendidas na Palestina, onde os meios mais sórdidos são aplicados, visando um fim que em si é legítimo.

Zumbi dos Palmares é celebrado pelos movimentos identitários nacionais, que se apresentam como representantes chancelados dos afro-brasileiros na atualidade. É lembrado como um dos líderes do maior quilombo da colonização brasileira, resistindo a expedições portuguesas e holandesas no século XVII. Seu legado é marcado por debates sobre sua liderança e estratégias, mas sua figura persiste como ícone da luta contra a escravidão e do legado da população negra no Brasil. A história de Zumbi e do Quilombo dos Palmares contribui para a construção da narrativa histórica da resistência à opressão e busca pela liberdade. Zumbi é o personagem perfeito: possui biografia vaga e história precariamente descrita, assim, tem funcionado como um panfleto ideológico e identitário, aberto à recepção das virtudes da raça, e das lutas política atemporais. É importante destacar que não estamos apresentando oposição a qualquer pleito da sociedade afro-brasileira, mas buscando denunciar o uso de um personagem histórico tão vazio de evidências e tão farto em possibilidades de narrativas.

Quando buscamos fazer uma análise transversal entre o quilombo de Palmares e o socialismo, destacam-se elementos que conectam esses contextos distintos, revelando semelhanças e diferenças. Ambos compartilham a ideia de comunalidade e coletivismo, supostamente desafiando estruturas hierárquicas opressivas e levantando a bandeira da igualdade. No entanto, Palmares e o socialismo enfrentaram desafios na implementação dessas ideias, visto que em ambos os casos o alcance dos fins pelo uso da força, subjuguando as diferenças naturais entre os seres humanos, resulta necessariamente em crises, conflitos e por fim no fracasso.

Uma análise séria da figura de Zumbi dos Palmares revela complexidades na estrutura social do quilombo pois deve questionar o apoio orgânico à sua liderança. A crítica à sociedade de Palmares e à liderança de Zumbi destaca a importância de uma abordagem menos romantizada ou apoiada em pressupostos ideológicos ao analisar figuras históricas.

Embora sua morte em 1695 seja reconhecida como um marco, estudos menos enviesados devem buscar reconstituir sua trajetória frágil de evidências, mas reconhecendo sua importância na resistência à escravidão. O Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, destaca sua relevância, mas também levanta questões sobre a criação de feriados e a postura política em relação a eles.

O Dia 20 de novembro começou a ganhar algum destaque pela primeira vez em 1971, quando um grupo em Porto Alegre realizou um ato no clube Marcílio Dias, que pretendia promover a resistência da cultura negra. Naquela reunião começava a ser construída a figura mítica do “herói” Zumbi dos Palmares.

Muito tempo se passou até que o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra foi finalmente oficializado por meio da Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011. A data pretendia então estabelecer

Maurício Motta

um vínculo entre ao dia da morte de Zumbi e a conscientização sobre o legado da cultura africana no Brasil.

Recentemente a Lei 14.759/23, veio tornar feriado nacional o dia 20 de novembro. A lei teve origem no Senado por meio do Projeto de Lei 3268/21, de autoria do senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), foi aprovado pela Câmara dos Deputados, e teve como relatora a deputada Reginete Bispo (PT-RS). O dia 20 de novembro já era feriado em seis estados e cerca de 1,2 mil cidades. Por fim, o presidente Lula sancionou em 21 /12 /2023 o projeto de lei que declara o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra como feriado em todo o país.

Até este ponto, nada de novo no front. O projeto de lei é encaminhado para apreciação pelas devidas comissões, passa pelas casas legislativas, vai à sanção presidencial e entra em vigor. Tudo absolutamente normal exceto pelo fato que, durante uma reunião ministerial ocorrida em 10/11/2023 o presidente Lula, se referindo ao ano de 2023, afirmou que (...) “esse ano teve muito feriado prolongado. Exageradamente, esse ano teve muito feriado prolongado” (...) “Ano que vem, os feriados cairão todos de sábado. Significa que o PIB vai crescer um pouco mais porque as pessoas vão ficar um pouco mais a serviço do mundo do trabalho”.

A criação do Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, oficializado em 2011, remete à morte de Zumbi e destaca a importância de preservar a cultura afro-brasileira. No entanto, a ambiguidade na postura presidencial, que inicialmente criticava feriados prolongados e posteriormente sancionava um novo feriado, destaca a influência das circunstâncias políticas na retórica.

Pois muito bem, de excesso de feriados passamos à criação de mais um feriado. O que poderia ter mudado de tão radical no posicionamento presidencial em apenas 41 dias? Pode ser que nada tenha mudado. Pode ser que apenas as palavras se adaptem à necessidade ou às circunstâncias. Da mesma forma como o uso dos personagens históricos também fortalece as narrativas, criando um viés de confirmação. O viés de confirmação é um fenômeno psicológico no qual as pessoas têm a tendência de interpretar, buscar ou lembrar informações de maneira a confirmar suas próprias crenças preexistentes.

Assim, se alguém se sente injustiçado ou oprimido, buscará nos mitos construídos o viés que confirme suas próprias crenças. Da mesma forma, se alguém pretende criar ou alimentar uma massa de manobra, fornecerá os subsídios para fortalecer aqueles vieses de confirmação.

O uso de personagens históricos, como Zumbi dos Palmares, fortalece narrativas e cria vieses de confirmação. Seja para simular a luta contra a opressão ou para manipular a percepção da história, em todos os casos a análise atenta é crucial.

Em última análise, a figura de Zumbi dos Palmares é parte essencial para a compreensão da história do Brasil e da luta contra a escravidão. No entanto, uma abordagem conservadoramente cautelosa

Maurício Motta

é fundamental para reconhecer tanto suas realizações quanto as complexidades e debates que cercam sua história. O exame de Zumbi e dos fatos recentes que o envolvem, convida à reflexão sobre as complexidades da história e sua interpretação, auxiliando no desenvolvimento de discussões sobre o seu verdadeiro legado na história brasileira.

[Visite nossa livraria](#)

**Livraria
Curso Menezes Costa**

REVISTA ISSN 2764-3867
CONHECIMENTO & CIDADANIA
VOL. 1 | 2ª EDIÇÃO ESPECIAL - DEZEMBRO 2022

REVISTA ISSN 2764-3867
CONHECIMENTO & CIDADANIA
VOL. 1 | 1ª EDIÇÃO ESPECIAL - MAIO 2022

Leandro dos Santos Costa (autor)
e Munique Menezes Costa (autora)

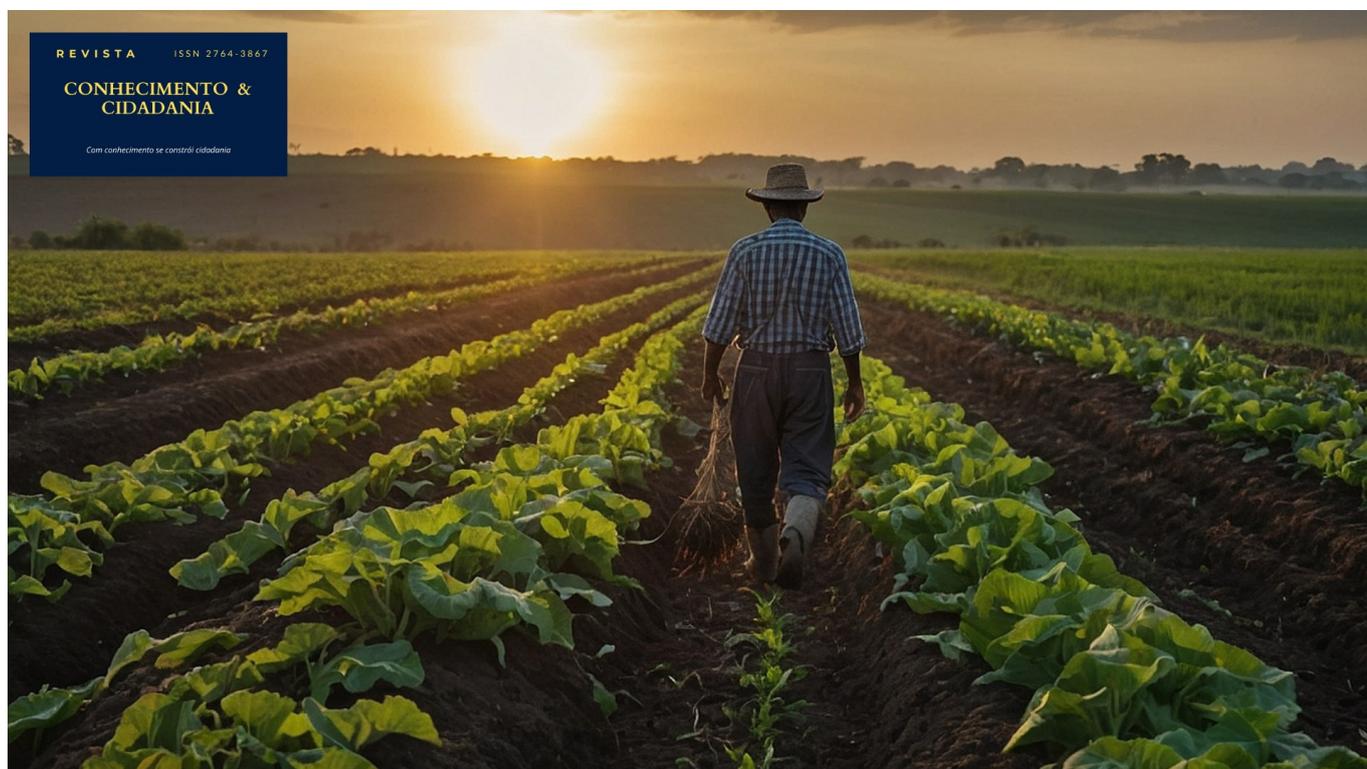
Direito nas Escolas
Volume I
Noções de Direito Constitucional
para alunos do Ensino Médio

E-book
2ª edição especial

Edição especial

Amazon Juris | Direito

Um novo ciclo Um presente de Deus



Um novo ciclo se aproxima e, com certeza, com muitos votos de felicidade, paz, saúde e abundância.

Com tudo, os votos devem ser acrescentados de realismo, ou seja, sem fantasia.

A lei divina dos ciclos nos garante que outro momento virá e com ele novas oportunidades, ou seriam as mesmas oportunidades revestidas de um outro contexto?

Vejam: quando um ciclo começa, seja ele curto (um dia), médio (uma semana) ou longo (um ano), geralmente nos são apresentadas as mesmas bases do ciclo passado, por exemplo: teremos um dia de 24 horas com sol ou chuva, morarmos na mesma casa e talvez com o mesmo emprego, a mesma família, amigos, etc...

Inclusive, os problemas também serão os mesmos ou quem sabe estarão ainda maiores, mas se o ciclo tem geralmente a mesma base, o que poderia diferenciar nesse novo ciclo, para que tenhamos realizado os votos?

Os estóicos já diziam, " ocupe-se com o que você pode mudar e não dedique energia naquilo que não podes mudar"

Nesse conselho, está a resposta para a pergunta.

Edson Araujo

Se as bases são sólidas e suficientes (cremos assim pois a natureza é criada e administrada pelo criador), podemos concluir que o que deve mudar é o que se apoia na base.

Devo lembrar que a base que nos é oferecida é para que se construa algo também sólido e suficiente.

Veja: queremos todos um país melhor, mais justo, seguro, educado e saudável, mas o que fazemos com o espaço de terra e pessoas que nos cerca?

Como eu reflito esse país na minha casa, trabalho e por onde eu passo?

Sou portador da justiça que quero exigir ou apenas faço coro com alguns preguiçosos de alma.

Aí está 2024 com novas oportunidades de construir algo real meu, que eu tenha gestado e feito nascer.

Seja um empreendimento, uma nova formação ou quem sabe, novas atitudes.

Lembro-me de ler um sobre a idade média, em que alguns sofriam atos que prefiro não citar, outros construíam algo para deixar à posteridade; embora não vivamos muito longe disso, temos neste novo ano uma oportunidade de criar uma nova realidade (ainda que interna).

Em vez de querer que mudem os outros, mudemos a nós mesmos.

Que mude o país, mudemos nosso quintal, a rua em que moramos, nosso bairro, pois como disse Jesus: “Porque foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei”

A lei dos ciclos nos mostra que a mudança ideal nunca é repentina, pois ela é marcada por ritmo que nos permite encaixar nossa estrutura na mudança.

Já reparou que a noite chega e quase não a percebemos?

Isso acontece por quê. A natureza reposta seu próprio tempo e também o nosso, por isso ela é evolucionária, por não ser revolucionária.

O dia, as horas, as estações do ano, enfim, uma mudança gradual que se consolida e permanece até que um novo ciclo se aproxima e então o atual se finda deixando para trás tudo o que veio trazer, ou seja, cumprindo sua missão.

E o que nos coloca em um novo patamar? A maneira como compreendemos e por fim nos comportamos, construindo algo sólido baseado nessas mesmas leis que nos ensinam como as mudanças devem acontecer.

Arde nos corações um desejo de mudança por não gostar do que se vê no geral, mas podemos mudar o geral? Se sim, como fazer, com que ferramentas, com quanto tempo, com que direção e sentido?

Um avião não chega ao seu destino se o piloto não se dedicar a ter a competência necessária para isso, por mais que ele reclame que queira fazer decolar o avião, ele sabe?

Edson Araujo

Queremos pessoas que nos represente com altíssimo grau de qualidade, mas como nos representamos a nós mesmos?

Alguns que não sabem se que interpretar um texto reclama de um representante que não sabe ler.

Em Resumo, veremos as mudanças que queremos quando tivermos competência para isso.

Quer um exemplo? O que tira uma pessoa da miséria? Dinheiro, bens, posses, cargos de alto remuneração?

Óbvio que não, pois será um miserável com dinheiro, bens, posses e um bom cargo a desfrutar.

Há um ditado egípcio que diz o seguinte: " Se tu constrói uma estrada com as tuas próprias mãos, está exatamente onde colocaste a última pedra".

Busquemos uma mentalidade ativa para este novo ciclo para que ao seu fim, tenhamos preparado a terra e plantado as semente necessária para a colheita.

Esta semente é sem dúvida a cultura; cultura essa que procura corações e mentes para manifestar-se.

A minha mensagem é que nos preparemos para as bênçãos que virão, pois com a mesma força que se empurra o pêndulo, ele voltará.

Que Deus abençoe nossa jornada nesse novo ciclo de 2024!

[Acompanhe nosso canal no Youtube](#)

**REVISTA
CONHECIMENTO &
CIDADANIA**



**Inscreva-se no
canal!**

Desvencilhando da mídia



Nos meus [últimos artigos](#), abordei a importância de [defender a vida](#) e critiquei políticos que, por conveniência, usam slogans de salvação como alegoria enquanto promovem o oposto. O grito de "vacinas salvam" muitas vezes encobre o choro dos inocentes que são [abortados no ventre materno](#).

A batalha pela vida nunca foi tão crucial. Se você acredita que alguém lutará por você enquanto permanece passivo, lamento informar que ficará desapontado. Nossa história está sendo contada aos nossos filhos por aqueles cegos de um lado e mal-intencionados do outro.

O que é noticiado nos grandes veículos de comunicação está longe de ser imparcial e um simples registro de fatos. [Não podemos acreditar](#) que as notícias são apresentadas sem intenção. Uma mídia tendenciosa não é apenas uma questão no Brasil, mas uma preocupação global, onde inclinações políticas, ideológicas ou econômicas se manifestam de várias formas.

Alguns críticos argumentam que certos meios de comunicação exibem parcialidade ao destacar eventos específicos, entrevistar especialistas selecionados ou usar linguagem que influencia a opinião

Juliette Oliveira

pública. A polarização política e as agendas ideológicas desempenham um papel significativo nesse fenômeno.

"Dividir para conquistar", uma estratégia que visa enfraquecer o opositor ao criar divergências internas, é uma tática historicamente empregada em vários contextos e constantemente usada pela mídia e grupos de interesse. Ao fragmentar opiniões e provocar desunião, a mídia pode tornar o público mais vulnerável e mais fácil de controlar.

No âmbito militar, a estratégia de dividir para conquistar visa enfraquecer forças inimigas ao criar dissensões internas, desunião ou conflitos internos. Ao desestabilizar a coesão de um grupo, torna-se mais fácil enfrentar partes isoladas e subjugar resistências.

No contexto político, essa estratégia pode ser aplicada para minar o apoio a opositores, promovendo divisões entre facções e enfraquecendo movimentos unidos. Manipular diferenças ideológicas, sociais ou étnicas são formas comuns de implementar essa estratégia.

No entanto, é importante destacar que, embora a tática de dividir para conquistar possa ser eficaz em curto prazo, ela pode ter consequências negativas a longo prazo, como fragmentação social, ressentimento e instabilidade. Além disso, em muitos casos, o reconhecimento dessa estratégia por parte da população pode fortalecer a resistência contra tentativas de divisão.

Em um contexto mais amplo, a conscientização sobre a tática de dividir para conquistar destaca a importância da unidade, diálogo e compreensão mútua para resistir a tentativas de fragmentação. A promoção de uma sociedade coesa, baseada na diversidade e na busca de interesses comuns, pode ser uma estratégia eficaz para resistir a divisões prejudiciais.

É vital que o público esteja ciente da possível manipulação da mídia e busque fontes diversas para obter uma compreensão mais equilibrada dos eventos. O pensamento crítico e a habilidade de analisar informações de várias perspectivas são cruciais em uma era em que o acesso à informação é abundante, mas a objetividade nem sempre é garantida.

Compreender o funcionamento da mídia, reconhecer possíveis vieses e avaliar a credibilidade das fontes são elementos essenciais para navegar com sucesso pelo cenário midiático atual e desenvolver opiniões informadas.

A mídia também exerce influência na visão contemporânea do que significa ser cristão. Muitas vezes, representa os cristãos por meio de estereótipos, caricaturas e simplificações que resultam em memes humorísticos, baseados em interpretações exageradas ou distorcidas de práticas religiosas.

Ser um cristão conservador implica aderir a crenças teológicas e valores sociais tradicionais, incluindo a autoridade das escrituras, valores familiares tradicionais, posições pró-vida e conservadorismo

Juliette Oliveira

moral. No entanto, a mídia, em alguns casos, deturpa grupos conservadores ao destacar extremos, generalizar e criar estereótipos.

Podemos observar que os valores cristãos têm intersecções significativas com a ideologia política de direita, incluindo valores tradicionais, conservadorismo moral, apoio à livre iniciativa e ênfase na responsabilidade individual.

A mídia brasileira tem se mostrado politicamente polarizada, destacando extremos e polarizando debates, o que tem contribuído para uma apresentação tendenciosa de certas posições políticas, incluindo aquelas associadas aos cristãos de direita. Alguns veículos de comunicação possuem orientações editoriais que desfavorecem a perspectiva cristã de direita. Em algumas situações, chega-se a considerar um "crime" ser cristão, especialmente com uma inclinação política de direita.



Em busca de audiência, os meios de comunicação frequentemente recorrem ao sensacionalismo, destacando aspectos controversos ou provocativos das posições cristãs de direita, contribuindo para uma representação incômoda e muitas vezes injusta.

Concluimos que, em meio a essa complexa narrativa, ser um cristão de direita enfrenta desafios significativos, tanto na defesa da vida quanto na resistência à deturpação midiática. Reconhecer as artimanhas de "dividir para conquistar" é fundamental para preservar a coesão social e evitar que a manipulação se sobreponha à colaboração.

A amada sopa de pedra



Muitos podem não lembrar da tão contada fábula de Pedro Malasarte e a sopa de pedra, um conto infantil, mas que pode traduzir o quão tolo pode ser alguém quando cego pela aparente vantagem oferecida. Antes é preciso apresentar, ao que não conhecem, a versão mais comum aos portugueses, posto que, existe uma versão em que um frade viajante é o criador da famosa sopa.

Na versão lusitana, o frade tão somente ensina o povo como a caridade e a colaboração voluntária pode ser benéfica à sociedade, tratando-se de um exemplo de como um grupo de indivíduos pode ganhar mais quando soma os esforços. Por mais que um revolucionário argumente que tal ação é populista ou, como de costume, tente sequestrar a ideia de caridade ou esforço mútuo como elementos de propriedade das hordas coletivistas, é importante observar que a colaboração voluntária, na qual o indivíduo, de forma

Leandro Costa

facultativa, cede aos mais necessitados é oposto aos regimes que prometem dilapidar dos mais ricos em favor dos mais pobres, quando na verdade apenas aumentam a riqueza de parasitas gigantes e poderosos.

Por outro lado, sendo uma premissa aos revolucionários coletivistas que a riqueza decorre da expropriação de outrem, fazendo da economia uma regra de soma zero, haja vista que, acreditam que todo aquele que enriquece, o faz subtraindo, empobrecendo outros. Isso se explica pela própria mentalidade de seus líderes, que, de fato, enriquecem surrupiando a riqueza alheia em nome de uma falsa promessa de redistribuição que nunca chegará.

Conclui-se que a lição trazida pelo frade português nada tem a ver com a narrativa coletivista, sendo uma prática cristã de caridade e de crescimento fraterno. Distante portanto de uma imposição de tianos que exigem a divisão dos bens das varandas de seus suntuosos palácios.

A sopa de pedra que se pretende tratar é a do conto mais popular no Brasil, cujo protagonista é o sorrateiro Pedro Malasartes, a lição a ser extraída deve ser, no momento atual, servir de alerta ao nosso povo.

O astuto Pedro, em uma das versões motivado pela fome e noutra buscando vencer uma aposta, ao se deparar com uma senhora sovina, que tinha uma farta horta e alguns animais, pediu permissão para cozinhar uma sopa nas terras da senhora. Em uma das versões a dona das eras apresentada como uma bruxa, mas isso pouco faz diferença.

A mulher, em um primeiro momento, afirma que não dará nenhum alimento para Pedro, que responde só precisar de um lugar para cozinhar sua sopa, uma vez que se tratava de uma sopa de pedra, não sendo necessários quaisquer outros ingredientes além de pedras limpas e água. Assim matava sua fome sem ter de gastar um tostão.

A senhora permite que Malasarte faça sua sopa, entretanto, a narrativa do malandro Pedro atíça a curiosidade da avarenta, uma vez que, se aprendesse a receita, poderia economizar muito, alimentando-se de pedras que abundavam na região. Logo, acreditando estar diante de uma oportunidade de enriquecimento fácil e julgando-se astuta, a senhora se aproxima de Pedro e indaga-o quanto à tal sopa.

Malasarte então coloca pedras limpas em uma panela e um pouco de água do riacho, acende uma fogueira e começa o cozimento, sempre disposto a responder as perguntas feitas pela mulher. Questionando se tal sopa era nutritiva ou mesmo se as pedras não lhe quebrariam os dentes, o que Pedro respondia de forma convincente, afirmando que a sopa alimentava como qualquer outra e que devido ao tempo de cozimento as pedras ficavam macias

Leandro Costa

Pedro pergunta se a senhora poderia lhe ceder algum tempero para adicionar na sopa, sendo retrucado pela senhora, “precisa de tempero?”. O astuto Malasarte responde, ‘claro que não, porém, se adicionarmos temperos ela ficará ainda melhor, pois as pedras ficaram macias e temperadas”.

Relutante, contudo, curiosa e movida pela avareza, a senhora oferece a Pedro um pouco de tempero, levando ao movimento o esperto viajante a seu próximo passo. Solicita um pouco de batatas e cenouras, o que, mais uma vez, causa uma reação negativa, que fora contornada diante da mesma alegação, que a sopa tornar-se-ia mais rica em sabor. Novamente a senhora cede ao pedido de Malasarte.

Por fim, o astuto viajante pede um pouco de carne, gerando uma reação ainda mais ríspida de sua vítima, todavia, Pedro sabia o que estava fazendo e alega que a sopa, como dito antes, não precisava de quaisquer daqueles ingredientes, por outro lado, como seria a primeira vez que a senhora a provaria, queria que a receita fosse a mais completa possível, dando a mais rica experiência de sabor. Se tratando de uma ocasião especial, não sendo a regra da receita da sopa.

Vendo que o cheiro que exarava da panela era muito bom, a senhora, já salivando, entrega um pedaço de carne para Malasarte que adiciona o ingrediente final à sopa. Assim que a sopa está pronta, Pedro serve um prato a sua anfitriã e se serve com fartura, deixando as pedras na panela.

Ambos comem a sopa e Pedro atira as pedras ao solo, desfazendo-se do que seria o ingrediente principal. A senhora, indignada, pergunta, “não comeremos as pedras?”. Malasarte, sorrindo responde, “a sopa estava ótima, mas as pedras são só para enganar a senhora (em outra versão, a bruxa)”.

Pedro se retira, saciando sua fome ou vencedor da aposta, após comer uma sopa em que todos os ingredientes foram dados pela senhora mais avarenta da região, tirando vantagem daquela que se julgava esperta, não por sua generosidade, mas por sua vontade de aproveitar-se de uma receita “milagrosa” que não sabia ser uma mentira.

Diante de promessas de prosperidade sem esforço, de ganhos surreais e de acolhimento sem reprimendas quanto aos erros, alguns indivíduos comportar-se-ão com a avarenta senhora que entrega os ingredientes para a sopa de pedra que, na verdade, se resume àquilo que a própria pessoa se dispôs a entregar ao astuto cozinheiro. As falsas promessas são como panelas com pedras e água nas quais os incautos, ávidos por riquezas, poder ou reconhecimento colocam seus ingredientes e, se tiverem sorte, receberão parte deles, alimentando os enganadores.

De governos assistencialistas às casas de apostas, passando por grupos de mídia, influenciadores e estatais, há diversos tipos como Malasarte dispostos a oferecerem uma solução mágica em troca de tudo que puderem colocar em seus caldeirões.

Leandro Costa

A fascinação por uma oportunidade de ganho fácil ou por se sentir parte de uma tribo pode ser a fraqueza daqueles que se julgam espertos demais para caírem em uma armadilha, sendo os alvos prediletos dos astutos.

Convido o leitor a observar quantas senhoras avarentas estão por aí, acreditando que nunca serão alcançadas pelas presas de um predador sorrateiro, iludindo-se ao ponto de investir, ou delegar poderes, ao pior tipo de aproveitador. Por outro lado, é preciso também considerar com quantos tipos de Pedro Malasarte nos deparamos diariamente, percebendo que, talvez nossa sociedade esteja impregnada de trapaceiros que almejam tirar vantagens uns dos outros, inventado a cada dia mais uma sopa de pedra.

*“Doces sonhos são feitos disso
Quem sou eu para discordar?
Eu viajei pelo mundo e pelos sete mares
Todo mundo está à procura de algo
Alguns deles querem te usar
Alguns deles querem ser usados por você”*
[Sweet Dreams – Eurythmics](#)

[Acesse aqui](#)



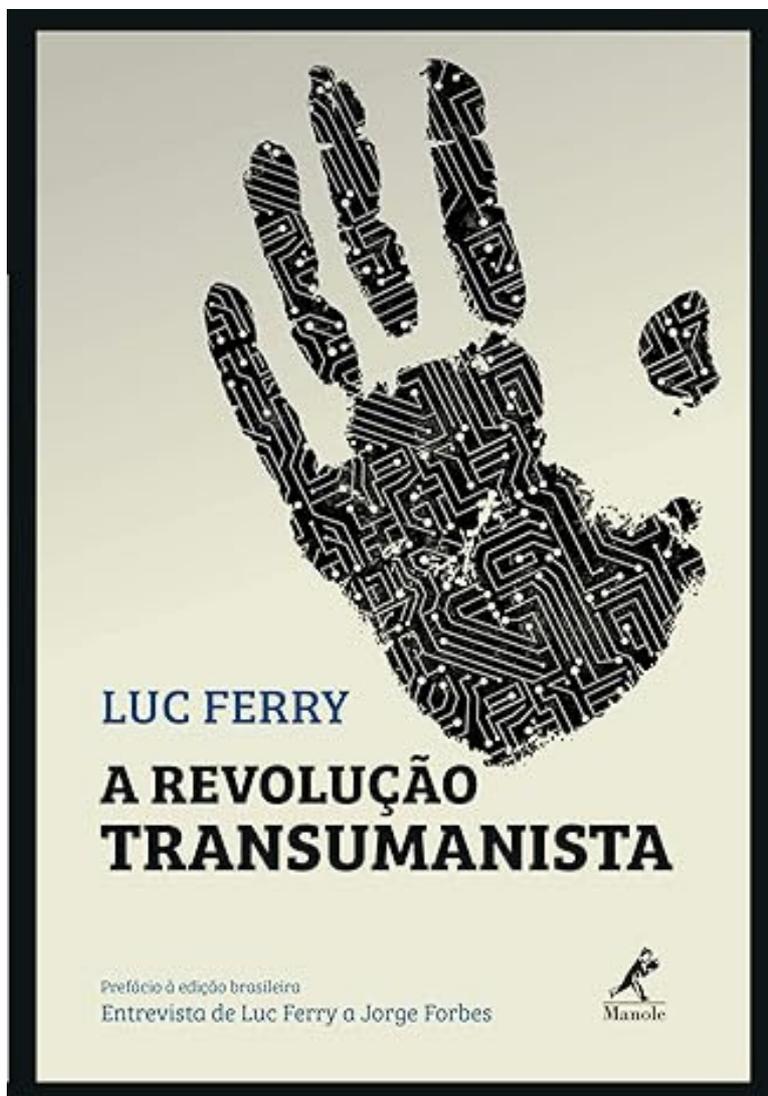
Caderno Variedades



Neste caderno encontrarão sugestões culturais. Dicas de filmes, livros, poemas, música.

Edição realizada por Leandro Costa

Dica de Livro



A revolução transumanista

Não pense em absoluto que se trata de ficção científica: em 18 de abril de 2015, uma equipe de geneticistas chineses propunha-se a melhorar o genoma de oitenta e três embriões humanos. Até onde iremos nesse caminho? Será possível um dia (logo? desde já?) aumentar livremente esta ou aquela característica dos próprios filhos, erradicar no embrião as doenças genéticas, ou até eliminar o envelhecimento ou a morte, ao moldar uma nova espécie de humanos aumentados? Ainda não chegamos (totalmente) lá, porém vários centros de pesquisa transumanistas trabalham nisso no mundo todo, graças ao financiamento colossal de gigantes da web como o Google. Os progressos das tecnociências são extremamente rápidos e ainda escapam de regulação. Paralelamente, essa infraestrutura do mundo que é a web permitiu o surgimento de uma economia dita colaborativa, simbolizada por aplicativos como o Uber, o Airbnb ou o BlaBlaCar.

Adquire o seu exemplar, [clikando aqui](#)

Dica de Livro



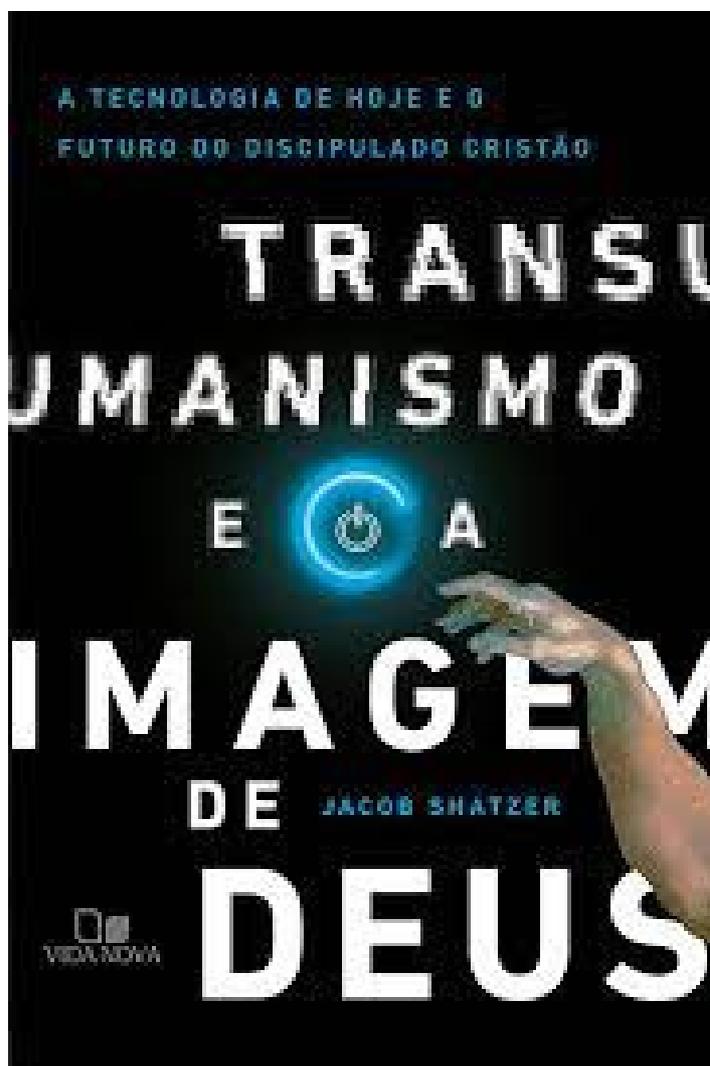
TECNONATUREZA, TRANSMANISMO E PÓS-HUMANIDADE: O DIREITO NA HIPERACELERAÇÃO BIOTECNOLÓGICA

Esta obra utiliza a estratégia de projetar uma análise de cenários futuros empregando narrativas literárias como ponto de ancoragem reflexiva. A propósito, a interseção entre o Direito e a Literatura contribui para reavivar a letra fria da lei pela emoção da narrativa literária. (...)

Trata-se, sobretudo, de uma reflexão acerca do lugar e função do Direito na disciplina dos impactos das novas tecnologias sobre o campo ambiental das sociedades da alta Modernidade, com uma mirada no horizonte pós-humano que se descortina.

Adquire o seu exemplar, [clikando aqui](#)

Dica de Livro



Transumanismo e a imagem de Deus: A tecnologia de hoje e o futuro do discipulado cristão

Jacob Shatzer, especialista em ética bíblica, nos conduz por uma análise cuidadosa acerca do futuro do discipulado cristão em um ambiente tecnológico disruptivo. Em *Transumanismo e a imagem de Deus*, ele explica o desenvolvimento e a influência do movimento transumanista, dedicado ao estágio seguinte da evolução humana.

Ao investigar tópicos como inteligência artificial, robótica, tecnologia médica e ferramentas de comunicação, o autor expõe de que maneira as transformações tecnológicas do cotidiano já modificaram e continuarão modificando a forma que pensamos, nos relacionamos e compreendemos a realidade. Em sua análise da doutrina da encarnação e de suas implicações para a identidade humana, Shatzer nos ajuda a compreender melhor o lugar apropriado da tecnologia na vida do discípulo e a evitar as falsas promessas da perspectiva transumanista. **NÃO É POSSÍVEL PENSAR NO USO DA TECNOLOGIA HOJE SEM LEVAR EM CONTA QUEM NOS TORNAREMOS AMANHÃ.**

Adquire o seu exemplar, [clique aqui](#)

Dica de Filme



O Doador de Memórias

Sinopse

Uma pequena comunidade vive em um mundo aparentemente ideal, sem doenças nem guerras, mas também sem sentimentos. Uma pessoa é encarregada a armazenar estas memórias, de forma a poupar os demais habitantes do sofrimento e também guiá-los com sua sabedoria. De tempos em tempos esta tarefa muda de mãos e agora cabe ao jovem Jonas (Brenton Thwaites), que precisa passar por um duro treinamento para provar que é digno da responsabilidade.

Nossa opinião

O filme aponta como a busca por uma sociedade artificialmente perfeita é nada além de uma construção sem fundações. As pessoas que acabam renunciando sua existência em nome de um bem coletivo que sequer existe.

O filme aponta como medidas de controle, da injeção diária ao extermínio de bebês são métodos para que tiranos, ainda que realmente acreditando em sua missão, submetam a sociedade ao seu controle, tudo em nome da perfeição imaginária.

A obra também aponta como principal meio de libertação, a preservação da história e da cultura, por isso, o guardião das memórias é a chave para a liberdade.

REVISTA

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania

SIGAM-ME

Nas redes sociais



Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania



revistaconhecimentocidadania@gmail.com



@revistaconhecimentocidadania



@revistaconhecimentocidadania



@RevConhecimento



